

# Racionalidades e a experiência religiosa contemporânea: A contribuição da leitura de René Girard

MARIA LUÍSA GUEDES

*“Se todo mundo estiver de acordo para condenar um acusado, soltem-no, ele deve ser Inocente.”*

*E. Levinas*

## **Sumário**

Pretendemos neste trabalho apontar em que medida o pensamento girardiano pode oferecer elementos que nos sirvam de base para pensar as racionalidades e as experiências religiosas contemporâneas utilizando como referência o processo de conversão de René Girard.

Suspeitamos que isto seja possível e profícuo, uma vez que Girard inicia sua pesquisa do ponto de vista do cientista e crítico literário e por fim converte-se ao cristianismo pela via da racionalidade ou razoabilidade lógica.

## **Abstract**

In this paper, we intend to point out the extent to which Girardian thought can offer elements that will serve as a basis for thinking about contemporary religious rationalities and experiences, using as a reference the process of conversion of René Girard.

We suspect that this is possible and fruitful, since Girard begins his research from the point of view of the scientist and literary critic and finally converts to Christianity by means of rationality or logical reasonableness.

Em seu percurso de investigação sobre o texto Bíblico entendeu haver uma distância bastante considerável entre a mensagem cristã, a prática das primei-

ras comunidades, e a leitura e práticas realizadas pelo cristianismo histórico, especialmente, as realizadas pela Igreja Católica Apostólica Romana.

O autor a que nos referimos entende que a Igreja católica fez uma leitura mítica do Antigo Testamento e dos Evangelhos, o que conceitualmente, do ponto de vista do pensamento girardiano corresponde a reconhecer na sua prática e produção teológica, seja na cristologia, seja na concepção de missão e evangelização, uma perspectiva sacrificial.

A investigação e hermenêutica girardianas do texto Bíblico faz ver uma sabedoria antropológica e cultural acumulada, revelada e comunicada com exclusividade, segundo sua visão, pela tradição judaico-cristã, a realidade do desejo mimético como fundamento da violência e o seu remédio, a violência unânime do religioso estruturante do ordenamento sócio-cultural.

Alguns teólogos cristãos, que engrossam as fileiras da crítica, identificam nessa exclusividade afirmada pelo pensamento girardiano um retrocesso em relação a avanços conceituais que a teologia conquistou em direção, por exemplo, ao diálogo inter-religioso.

Em nosso entender a crítica girardiana vem aprofundar e ampliar as reflexões teológicas que, hoje, já propõe mudanças profundas na prática e discurso institucional, construídos historicamente pelos cristianismos e assim não trabalham na direção contrária ao reconhecimento da diversidade religiosa.

Girard declara-se convertido ao cristianismo por concluir pelo reconhecimento da presença e ação do Espírito no surpreendente desenvolvimento do cristianismo. Desenvolvimento que, do ponto de vista histórico conjuntural, apresentava condições para o esvaziamento do movimento cristão e, portanto, sua diluição, ou adesão a uma prática sacrificial qualquer presente nas religiões arcaicas e numa certa leitura da tradição do povo de Israel. O que vinha a calhar em um contexto de grandes conflitos políticos, religiosos e sociais: a dominação romana.

## **1. A racionalidade, o campo religioso e o texto**

Articulando a racionalidade científica ao campo religioso Girard lê o texto bíblico como texto de antropologia, ele não tem intenções religiosas, doutrinárias, evangélicas e nem missionárias. A relação do que Girard denomina mecanismo sacrificial com a tradição judaico-cristã é tematizada e sistematizada especificamente, pela primeira vez, na obra *As coisas escondidas desde a fundação do mundo*, título que foi inspirado na leitura bíblica. A expressão fundação do mundo encontra-se em dois textos bíblicos trabalhados por ele:

Abrirei a boca (sic) para ensinar em parábolas, revelarei coisas ocultas desde a fundação do mundo (Mt 13, 35).

Para que esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas derramado desde a criação do mundo, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi assassinado entre o altar e o templo (Lc 11, 50-51).

Sua investigação conclui que a maioria das produções culturais ocidentais<sup>1</sup> reflete o mecanismo sacrificial e umas poucas o revelam. Refletir o mecanismo, quer dizer ser dele prisioneiro e, revelá-lo quer dizer escapar de seu poder ordenador e criador de ilusão, de seu poder de elaborar miticamente a realidade dos desejos e conflitos humanos. Quer dizer fechar miticamente a realidade à nossa percepção. Encobri-la com uma aparência apaziguadora utilizando-se de uma lógica de expulsão dos conflitos, das contradições, das fragilidades. Uma lógica que exclui o humano e coloca em seu lugar o divino mítico, violento e autoritário.

O modelo teórico que estamos tomando como referência nos mostra que a lógica que revela a natureza e função do sacrifício ritual é a que o desconstrói, abre a realidade e, mostra a tragédia deixando ver a angústia do desejo a procura de um modelo; revela a ciranda mimética dos conflitos, que expõe as fragilidades humanas. Trata-se de uma lógica que inclui e acolhe, se compadece. A lógica do amor. E é justamente esta a cena, a relação entre as duas diferentes lógicas, que a teoria do mecanismo sacrificial nos permite acessar por meio de uma hermenêutica intertextual.

## **2. Constatação da distância entre o texto da tradição judaico-cristã e a prática do cristianismo histórico.**

Em seu mergulho no texto bíblico, a tese elaborada por Girard é que os textos em si da tradição judaico-cristã, parecem não ter cedido inteiramente à lógica do mecanismo sacrificial. Diferentemente de outros textos de diferentes tradições, assim como diferentemente das leituras institucionais que serviram à teologia católica, esta sim, muitas vezes, refém do paradigma sacrificial, informado pela lógica do terceiro excluído.. A lógica da violência unânime.

Para o autor, como dissemos, o texto Bíblico se lido criticamente revela, aqui e ali, em várias passagens, em frestas, no antigo testamento e nos evangelhos, a

---

<sup>1</sup> Tradições culturais aqui refere-se a pesquisa de René Girard que tomou como objeto textos da chamada grande literatura mundial, incluindo romances / obras de ficção e referências estruturantes do pensamento ocidental, desde os pré - socráticos até os modernos como Freud e Lévi-strauss.

lógica mimética do ritual sacrificial, lógica do desejo mimético, a lógica da violência, assim como a defesa de uma outra lógica, da não-violência e o que esta supõe.

2. 1. A busca girardiana pelo saber bíblico sobre a violência pode ser exemplificada pela análise de trechos do texto dos dez mandamentos no livro Êxodo 20, 13-16.

Não matarás.

Não cometerás adultério.

Não roubarás.

Não apresentarás um testemunho mentiroso contra o teu próximo.

(Bíblia de Jerusalém, 2002)

Girard chama-nos logo a atenção para a presença, no texto, de proibições de práticas violentas em relação ao outro: não matarás, não cometerás adultério, não roubarás, não levantarás falso testemunho contra o próximo. Mais sintomático para o leitor que estamos acompanhando é o último mandamento que faz, também, uma proibição (Ex 20, 17) só que agora é do desejo.

Não cobiçarás a casa de teu próximo. Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo.

(Ex 20, 17; Bíblia de Jerusalém, 2002)

A amplitude do que pode ser desejado nos é dada pela enumeração de coisas de diferentes ordens e com a generalização final que indica que nada que seja do outro pode, ou deve, ser desejado e sugere que o que é proibido é desejar o desejado pelo outro homem. Trata-se do desejo de todos os homens. Trata-se de uma referência clara ao perigo da **luta de todos contra todos** diante do qual as sociedades arcaicas não podiam fingir que não viam e precisavam se proteger – a violência intestina<sup>2</sup>. E o faziam elaborando miticamente o sagrado violento, sacrificial.

O leitor Girard nos faz acompanhar seu raciocínio sobre o processo de elaboração do décimo mandamento: pensa ele que o “redator”<sup>3</sup> busca proibir os desejos por objetos que mais comumente ou incessantemente os homens e mulheres disputam. “A natureza mimética do desejo revela o mau funcionamento habitual das relações humanas” (Girard, 2012 p. 30).

---

<sup>2</sup> A violência intestina de uns contra os outros, ou de todos contra todos.

<sup>3</sup> Usamos este termo na falta de um melhor. RG usa o termo legislador, em verdade pensamos que se trata de um processo comunitário

No trecho acima, com o referencial da teoria mimética, Girard vislumbra a revelação do mecanismo sacrificial na redação do texto. Um exemplo de que, assim como outras frestas do texto, vão pouco a pouco trazendo elementos para a reafirmação da tese sobre a sabedoria antropológica que o texto contém, como afirmado a seguir: “O judaísmo venceu esta hidra de mil cabeças” (Girard, 2012, p. 177).

Com isto a singularidade e veracidade da revelação da tradição judaico-cristã é defendida por Girard. Tal afirmação deve ser compreendida, no interior do quadro conceitual da teoria do sacrifício para que não se simplifique a questão com conclusões precipitadas e sacrificiais.

2.2. A leitura dos evangelhos segundo Girard revelam por inteiro a verdade que os dez mandamentos anunciam e preparam. A hipótese da singularidade do cristianismo se reafirma e é aprofundada na leitura dos evangelhos e constituem um fundamento racional para a conversão de Girard, especialmente pela realidade que ele denominou “triumfo da Cruz”.

Longe de ser obtido pela violência, o triunfo da cruz é o fruto de uma renúncia tão total que a violência pode se desencadear sobre Cristo até ficar saciada, sem suspeitar de que, desencadeando-se, torna manifesto o que lhe interessa dissimular, sem suspeitar que este desencadeamento dessa vez vai voltar-se contra ela, pois será registrado e representado fielmente nos relatos da paixão. (Girard, 2012 p. 201)

Aquilo que Girard denomina o triunfo da cruz fundamenta-se em sua hipótese da existência de uma potencia desmistificadora e, portanto libertadora que os acontecimentos em torno do assassinato de Jesus engendraram, assim como os relatos dos fatos e as significações vivenciadas, construídas e comunicadas pelas primeiras comunidades cristãs sobre os acontecimentos.

A potência reveladora está nos acontecimentos e no relato dos acontecimentos, que revelam e assim representam uma vitória sobre a ilusão mimética. Vê neste processo uma possibilidade de superação do mimetismo num momento, no qual isto seria impossível do ponto de vista lógico-histórico, comprovando segundo sua leitura a existência de uma força superior ao contágio violento, uma força que não existe na terra, um poder superior: Deus? O amor?

Nosso autor elabora uma hermenêutica a partir da qual, com certeza, pode subsidiar e enriquecer a reflexão teológica e da ciência da religião sobre a revelação.

O triunfo da cruz no pensamento girardiano refere-se ao seu poder revelador de uma realidade e, portanto, revelador de uma verdade antropológica

Na ordem antropológica, defino a revelação como a representação verdadeira daquilo que nunca tinha sido aindarepresentado completamente, ou que

tinha sido representado falsamente, o todos contra um mimético, o mecanismo vitimário, precedido de seus antecedentes, os escândalos “interindividuais”.<sup>4</sup> (Girard, 2012 p. 197)

Segundo o autor, os evangelhos tomados em sua totalidade “são literalmente” a representação a qual a citação acima se refere. É neste sentido que Girard fala da verdade antropológica que a tradição judaico-cristã revela, e/ou que está presente na Bíblia.

Os acontecimentos em torno da Cruz invertem a lógica até então praticada e representada na esfera religiosa/cultural/política, uma verdadeira gramática, a gramática da vítima expiatória. Gramática explicitada com muita clareza quando somos capazes de entender a reflexão de Jesus em Marcos e Mateus, quando se pergunta: “como satanás pode expulsar satanás?” (Apud Girard, 2012, p. 62)

De que maneira? O que segundo Girard nos remete a afirmação contida na pergunta anterior: só Satanás expulsa Satanás!

A prova de que a Cruz e o mecanismo de Satanás são a mesma coisa é dada pelo próprio Jesus, ao dizer um pouco antes de sua morte: “Chegou a hora de Satanás.” (Girard, 2012, p. 65)

Revelando a natureza de sua morte Jesus e os evangelhos invertem a lógica sacrificial, o texto responsabiliza os “principados e autoridades”, o “acusador público” pela violência, o que equivale a responsabilizar o próprio satanás, que no contexto girardiano coincide com o mimetismo.<sup>5</sup>

Entendemos as dificuldades que a expressão triunfo da cruz traz para a teologia contemporânea que vê nela a afirmação de uma leitura sacrificial, na medida em que a ideia de triunfo remete para o sentido romano, ou seja, recompensa que Roma concedia a seus generais vitoriosos. O que pode ser modelo para uma cristologia triunfalista que pensa Jesus como um general vitorioso.

---

<sup>4</sup> Escândalos interindividuais no contexto do pensamento girardiano refere-se as rivalidades miméticas, o contágio, e o paroxismo da crise sacrificial, a violência de todos contra todos, muitas vezes representado como satanás/diabo/inferno.

<sup>5</sup> Para aprofundar a compreensão desta ideia fundamental a leitura de do cap. III Satanás e o cap.VIII da obra Girard, 2012. *Eu via Satanás cair como um raio*, para que se perceba com clareza como é razoável o entendimento girardiano de que o mecanismo sacrificial é o círculo diabólico, que triunfa cada vez que a violência unanime (a morte ritual de uma vítima expiatória triunfa) é o triunfo da violência, que triunfa ao expulsar-se a si própria (provisoriamente) pelo encobrimento mítico do mimetismo que originou a violência de todos contra todos. Tal poder violento do ponto de vista da representação é nomeado no texto bíblico como satanás, potestades e principados, referencias a violência fundadora dos Estados soberanos, e no tempo de Jesus uma referência ao Império Romano.

A fórmula “potestades e principados” (ex. epístola a Tito 3, 1-20 na bíblia usada por René Girard e na tradução brasileira da Bíblia de Jerusalém) é traduzido por “magistrados e autoridades”

Girard entende que de fato os textos em que este tipo de expressão aparece devem mesmo ser entendidos como uma tentativa de construir em torno da cruz o relato mítico, mas ao leitor munido da ferramenta da teoria do sacrifício, pelo contrário, sua própria presença revela o que ele quer esconder, ironicamente. Assim, a expressão pode ser usada com outro sentido, ou seja, o triunfo do qual fala Girard é a capacidade reveladora do texto.

Quase o mesmo pode ser dito em relação à afirmação, por parte do pesquisador, da exclusividade da tradição judaico cristã, e, portanto da singularidade do cristianismo em relação a outras tradições religiosas. Posicionamento que deve ser entendido a partir dos conceitos da teoria e modelo elaborado por Girard. Uma leitura apressada pode equivocadamente compreendê-lo como defesa sectária e intransigente de uma exclusividade da autoridade e veracidade da prática do cristianismo historicamente realizado, sugerindo um posicionamento que exclui outras práticas religiosas.

A afirmação da singularidade da tradição judaico-cristã, no pensamento girardiano diz respeito ao que os textos revelam, se olhados da perspectiva do mecanismo sacrificial. Revelam uma sabedoria / verdade antropológica e cultural que, segundo ele, só esta tradição foi capaz de acumular e revelar inteiramente, ou seja, o desejo mimético como fundamento da violência e o seu remédio, a violência unânime como fundamento do religioso e ordenamento social / cultural: o sacrifício ritual de uma vítima expiatória em continuidade ao linchamento fundador.

Tal perspectiva, em nosso entender, só aparentemente vai em sentido contrário do que é proposto pelas teologias progressistas filhas do concílio Vaticano II e da Encíclica *Gaudium Spes* e seus desdobramentos, que apontam para uma perspectiva não exclusivista, inter-religiosa, intercultural, de respeito e diálogo com as diferentes religiões cristãs e não cristãs.

Para além dos fatos propriamente ditos o pesquisador René Girard nos diz, que se ocupou da história das representações dos acontecimentos referentes a cruz. Os evangelhos são esta representação e revelam a violência daqueles que levaram Jesus a cruz.

O sofrimento da Cruz é o preço que Jesus aceita pagar para oferecer à humanidade essa representação verdadeira da origem de que ela permanece prisioneira, e para privar, com o tempo, o mecanismo vitimário de sua eficácia. Jesus se entrega e se despoja, é a impotência mais radical que triunfa sobre o poder de auto expulsão satânica, ou seja, que triunfa sobre o mecanismo vitimário. Privando o mecanismo vitimário das trevas<sup>6</sup> que devem envolvê-lo para

---

<sup>6</sup> A nota é nossa para lembrar o leitor que esta questão das trevas, da obscuridade, que envolve o mecanismo sacrificial é uma metáfora muito bem trabalhada por René Girard com o conceito de *meconnaissance*.

que ele governe todas as coisas, a cruz transforma o mundo. Sua luz priva Satanás de seu principal poder, o de expulsar Satanás. (Girard, 2012 p. 303, 204)

A cruz revela a violência dos fortes contra os fracos, das maiorias contra as minorias, dos saudáveis contra os doentes, dos normais contra os anormais, dos autóctones contra os estrangeiros. Revela a lógica da violência e da exclusão que Jesus denuncia com a sua morte e ressurreição.

O triunfo da Cruz só se completa com a ressurreição, confirmação da divindade de Jesus. No contexto do pensamento girardiano a divinização do Cristo repousa não sobre os encobrimentos dos arrebatamentos miméticos, que produzem o sagrado mítico. Mas repousa, pelo contrário, na revelação plena e integral da verdade que esclarece a mitologia: a realidade e verdade do mecanismo sacrificial ao mesmo tempo que revela a divindade de Jesus e a interferência real do Espírito Santo.

A narrativa toda e especialmente a parte que se refere à ressurreição, comparando os evangelhos, nos faz ver, segundo Girard que algo de muito especial aconteceu para que a pequena minoria rebelde que acompanhava Jesus tivesse sido capaz de escapar ao contágio mimético, encontrar forças para romper a unanimidade violenta do poder instalado, opor-se as autoridades de Jerusalém e enfim proclamar a divindade de Jesus, com o relato da ressurreição.

O acontecido, pelo que foi relatado, parece algo impossível do ponto de vista antropológico se consideramos o mecanismo sacrificial. Desta forma Girard conclui que a única explicação plausível é a presença do Espírito de Deus. Juntou assim a explicação/ antropológica à revelação teológica.

A ressurreição não é apenas milagre, prodígio, transgressão das leis naturais; ela é o sinal espetacular da entrada em cena, no mundo, de um poder superior aos arrebatamentos miméticos. (Girard, 2012 p. 266)

E ainda para mais uma vez reafirmar a posição de nossa referência e objeto, citamos o que afirma sobre isto:

O nascimento do cristianismo é uma vitória do paracleto sobre seu opositor, Satanás, cujo nome significa originalmente o acusador diante do tribunal. (Girard, 2012, p. 267)

De tal forma estas verdades se fazem ver nas representações dos evangelhos, com tal clareza e força, que levam Girard, segundo ele mesmo, a acrescentar aos seus argumentos antropológicos um argumento de Fé. Estamos nos referindo à confissão feita por René Girard, de que ao estudar a tradição judaico-cristã, converteu-se ao cristianismo. Ele mesmo diz que, “Não é porque eu sou cristão que eu penso o que penso; é porque minhas pesquisas me levaram a pensar o que penso que eu me tornei cristão.” (Girard, 2012, p?)

### 3. Como se coloca a questão na contemporaneidade

Pelos fatos e razões acima apontados é que René Girard entende que o cristianismo, enquanto tradição teve e tem um papel cultural/histórico singular. Para Girard a revelação cristã é uma abertura para o futuro globalizado, cada vez mais liberto, mas ao mesmo tempo sem a proteção sacrificial.

A expansão do cristianismo enquanto tradição singular, cultura e representação, segundo Girard, vêm cumprindo uma possibilidade de revelação da verdade antropológica do mecanismo vitimário que funda a ordenação das sociedades humanas, até hoje, só que de forma mais atenuada, pois sua lógica está mais explícita. Isto quer dizer que vivemos um tempo de crise sacrificial das mais intensas. Regida pela lógica do todos contra todos, da violência recíproca que é intestina.

Deste ponto de vista, então, o cristianismo vem promovendo gradativamente a explicitação da realidade da violência, provocando por outro lado, a exclusão ou afastamento, também gradativo, dos cristianismos institucionais históricos triunfalistas, bem como suas teologias que não puderam escapar do mecanismo vitimário. Isto corresponde à assimilação, ou, o enxerte pelo e no tecido da cultura dos valores decorrentes da revelação da lógica sacrificial, ou seja, os valores da lógica da não violência, mesmo que de forma subterrânea.

Um dos sintomas deste processo é o cuidado com as vítimas<sup>7</sup> que cresce e se espalha em nosso mundo, mesmo que muitas vezes, de mau jeito; uns jogando as vítimas para cima dos outros, numa reedição, mesmo que esmaecida do mecanismo vitimário, uma elaboração mítica. Assim vejamos um pequeno trecho em que Girard refere-se a este processo apontando-o como substrato do processo de globalização que vivemos, hoje.

A abertura gradual dos claustros culturais começa em plena Idade Média, e conduz em nossos dias aquilo que chamamos de globalização e que apenas secundariamente parece ser um fenômeno econômico. A verdadeira força motriz é o fim das clausuras vitimárias, é a força que, depois de ter destruído as sociedades arcaicas desmantela agora suas substitutas, as nações ditas modernas. (Girard, 2012, p. 235)

Poderíamos apontar muitos outros vestígios como o do cuidado da vítima em si, universalizada, como bem indica a expressão “soldado desco-

---

<sup>7</sup> Para aprofundar esta discussão que é bastante interessante e convincente ler o capítulo XIII intitulado O cuidado Moderno com as vítimas, da obra *Eu via satanás cair como um raio*, de René Girard.

nhecido”; a ideia de humanidade para além, da família, tribo, região, ou seja, de um território determinado, ou seja, o nascimento do cidadão do mundo. A universalização do conceito de humanidade, os direitos universais do homem bem demonstram. E ainda paradoxalmente é sintoma da crise a intensificação das violências intestinas, a privatização da violência que temos testemunhado. Esta privatização da violência coincide com a desritualização da própria violência, na medida em que esta vai deixando de ser prerrogativa das instituições ordenadoras, como o Estado. A citação a seguir quer justamente dizer isto, vejamos<sup>8</sup>:

A desritualização moderna revela o substrato psicossocial dos fenômenos rituais. Gritamos bode expiatório para estigmatizar todos os fenômenos de discriminação política, social, ética, religiosa, social, racial etc., que observamos a nossa volta. Vemos que os bodes expiatórios pululam sempre que os grupos humanos buscam fechar-se em uma entidade comum, local, nacional, racional, religiosa, etc. (Girard, 2012, p. 227)

A História da Igreja católica fez e faz parte do processo hipotetizado por René Girard – processo de dessacralização, revelação paulatina “das coisas escondidas desde a fundação do mundo”

A dinâmica do mecanismo sacrificial e a sua gradativa revelação nos auxiliam a compreensão, ou pelo menos, nos oferecem uma possível explicação racional e verossímil para os aparentes paradoxos que observamos hoje no campo das práticas religiosas, como observa Martelli: “Na sociedade (pós-moderna)<sup>9</sup>, a religião aparece em “flutuação” entre tendências de secularização e de dessecularização”<sup>10</sup>

O autor refere-se a movimentos adversativos que esvaziam as religiões do ponto de vista institucional, mas ao mesmo tempo intensificam o religioso com o desenvolvimento de novos movimentos religiosos e de fundamentalismo sectários.

---

<sup>8</sup> Para aproveitarmos a densidade da citação explicitamos aqui o que designa a expressão bode expiatório no contexto girardiano: “Portanto a expressão bode expiatório designa: 1) a vítima do rito descrito no Levítico; 2) todas as vítimas de ritos análogos que existem nas sociedades arcaicas e que são também chamados de ritos de expulsão; e finalmente, 3) todos os fenômenos de transferências coletivas não ritualizados que observamos ou pensamos observar ao nosso redor.” (Girard, 2012 p. 227)

<sup>9</sup> O parêntese é nosso para maior clareza do leitor, uma vez que retiramos o excerto do contexto.

<sup>10</sup> Trata-se da discussão feita em Martelli, Stefano. A religião na sociedade pós-moderna, são Paulo: paulinas.

Estes movimentos forjados no contexto dos anos 60 e sua amplitude, assim como a leitura girardiana do significado e substancia da vida / morte / ressurreição de Jesus são completamente assimiláveis á reflexão sobre as manifestações religiosas em um contexto de globalização e universalização da comunicação.

A busca da coexistência pacífica torna-se mais do que nunca uma exigência, assim como a produtividade supõe respeito ao meio ambiente e consequentemente a procura de um modo de produção e de vida que não prejudique a natureza e o bem público.

Do ponto de vista do diálogo inter-religioso não basta tolerância, mas urge a constituição de uma cultura que possa promover a articulação e diálogo das diferentes igrejas; superar a inimizade e desconfianças entre as pessoas; relativizar as contendas do passado; reconhecer a liberdade religiosa como possibilidade de estruturar um espaço que não precise do fanatismo e nem do esquecimento das verdades constituídas na e pela tradição.

A abertura trágica da crise sacrificial na qual vivemos torna as violências mais visíveis, mas também revela o duplo monstruoso, ou seja, desmitiza a individualidade, a ilusão da diferença mítica, os absolutos que produzem as vítimas expiatórias.

O cristo não pode trazer aos homens a paz realmente divina sem nos privar previamente da única paz de que dispomos. É esse o processo histórico necessariamente temível que estamos vivendo (Girard, 2012, p. 262).

A cristologia teológica vem em nosso auxílio e corrobora a interpretação girardiana com a noção de *Knosis*, esvaziamento. O termo, além de ser adequado para a perspectiva girardiana no sentido de esvaziamento da ilusão do desejo individual, próprio, singular, também o é para o contexto do pluralismo religioso, cenário a partir do qual devemos pensar as experiências religiosas hoje. Como acolher o outro, sem esvaziar-se de sua pretensa originalidade, e sem enxergar que o outro, só é diferente no nível cultural, e igualmente despojado no nível antropológico. Isto faz dele meu igual.

O esvaziamento ou despojamento e a possibilidade de visualizar a fragilidade, a incompletude e a condição de discípulo do outro e de si mesmo, no sentido do mecanismo sacrificial abre a possibilidade da compaixão, antídoto para a rivalidade mimética. A nossa aspiração á autonomia, ilusão de uma originalidade e diferença individual, coloca-nos, sem que o percebamos, no movimento do canibalismo mimético, na armadilha das rivalidades. Quanto mais formos orgulhosos de nós mesmos e, portanto, egóicos, mais estaremos à mercê de modelos que nos esmagam.

## Bibliografia

- René Girard, *A violência e o sagrado*. Trad. Marta Conceição Gambini. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/UNESP, 1990.
- \_\_\_\_\_. *El misterio de nuestro mundo, claves para una interpretación antropológica*. Diálogos com J. M. Oughourlian y Guy Lefort. Salamanca, Ediciones Sigueme, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Je vois satan Tomber comme L'éclair*, Bernard Grassé, Paris: 1999
- \_\_\_\_\_. *Eu via satanás cair como um relâmpago*. Paz e Terra, São Paulo: 2012

## Comentadores

- Hugo Assmann (org.), *René Girard com teólogos da libertação: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios*. Petrópolis/Piracicaba: Vozes/UNIMEP, 1991.
- Maria Luíza Guedes, *A tragédia invisível na escola, uma leitura girardiana*. São Paulo, 1999. Tese (Doutorado Educação: Currículo) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Cristine Orsini, *La pensée de René Girard*. Paris: editions Retz, 1986.
- Marcio Romeiro, René Girard, Um alerta contra as domesticações sacrificiais do sagrado. *Revista de Cultura Vozes*. Petrópolis, 85, n. 6, p. 741-748. Nov-dez, 1991.
- Jacques Sémelin, *Pour sortir de la violence*. Paris: Les Éditions Ouvrières, 1983.

## Outras obras

- Leonardo Boff, *Paixão de Cristo, paixão do mundo. Os fatos, as interpretações, e o significado ontem e hoje*. Rio de Janeiro:Vozes, 2003.
- Jacques Dupuy, *Introdução a Cristologia*. São Paulo: Loyola, 1999.
- Afonso Gonçalves, Só Pelo sangue:prejuízos de uma cristologia sacrificialista, in *Ciberteologia, revista de Teologia & Cultura*, ano V, n. 26.
- Hans Kung, *Projeto de ética Mundial, uma moral ecumênica em vista da sobrevivência Humana*, São Paulo: Paulinas, 1993.
- Geraldo Lopes, *Gaudium et Spes*, texto e comentário, São Paulo: Paulinas, 2011.
- Stefano Martelli, *A religião na sociedade pós-moderna: entre a secularização e a Dessecularização*, Trad. Euclides Martins Balancin, São Paulo: Paulinas.
- Paulo Suess, *Introdução à teologia da Missão, convocar e enviar: servos e testemunhas do reino*, 3ª Ed. Petrópolis, RJ:Vozes, 2011.
- Wagner L. Sanchez, A missão cristã num contexto de diálogo inter-religioso. Uma reflexão a partir de filipenses 2, 6 - 7, in *Espaços*, revista do Instituto São Paulo de Estudos Superiores, São Paulo, 2010.